

ECOS DA RESISTÊNCIA: A FESTA DOS TROPEIROS E SUAS DISSONÂNCIAS*

Luana Manzione Ribeiro**

E nós tínhamos aqui o Nenê Emboava que é o tropeiro símbolo nosso, ele foi tropeiro, tinha venda, aquele negócio todo. Um dia ele falou: Vamo fazê um almoço tropeiro, e lá onde é a Santa Casa era um terreno baldio, então nós montamos um ranchinho de sapé lá e uma vez por mês lá e todo mês juntava uns doido e fazia um almoço tropeiro, era almoço tropeiro e pinga, rodava pinga adoidado (...). Começou uma farra pra chamar povo e, de repente, o negócio cresceu de tal maneira que nós passamos a cobrar a festa do tropeiro, porque na verdade aqui foi rota do tropeirismo, rota, centro de tropeiros, Silveiras nasceu de um rancho de tropeiro. Então levantamos a festa, com as seguintes características: estritamente cultural e apolítica, político não podia usar palanque nosso, cortava mesmo só e não deixava fazer discurso, era um negócio estritamente cultural, tá. Então o negócio foi andando e foi crescendo a tal maneira que nós começamos a perder as rédeas (...).¹

Apresentação

Diante de uma série de inquietações suscitadas por trabalho realizado na graduação em turismo, sobre festas regionais, pude vislumbrar, nas discussões propostas por alguns historiadores, caminhos a serem percorridos acerca desta temática, pois na literatura sobre turismo essas festas se resumem apenas a um atrativo turístico, em que seus festeiros são apenas atores que se apresentam para os visitantes de seu festejo, produzindo a imagem de que a manifestação seja apenas mais um bem a ser consumido.

Dessa forma, a partir de três manifestações estudadas apenas uma foi escolhida, em razão da complexidade que o tema proporciona. A festa selecionada foi a festa dos tropeiros, realizada no município de Silveiras, na região nordeste do estado de São Paulo, também conhecida como Vale do Paraíba do Sul. Esta despertou-me o olhar por ser realizada numa cidade onde os moradores apresentam em suas falas um ressentimento advindo do

que consideram como um abandono geral da região por autoridades e escritores que insepel-na em uma realidade esquecida. Tais sentimentos emergem em diversos depoimentos sobre a festa, pois esta é vista e sentida como um caminho a mostrar que seus moradores permanecem ali e crêm na importância de sua cultura.

Em Silveiras, tropeiros, ex-tropeiros, suas esposas, seus filhos, netos e bisnetos compõem parte da população da cidade. Não há dados quantitativos sobre quantos desses trabalhadores e suas famílias vivem na cidade, no entanto, a partir da rodovia² que a cruza até o portal³ da cidade remetem a este tipo de atividade realizada desde o período colonial até os dias de hoje.

O tropeiro e sua trajetória são rememorados e celebrados pela cidade, pois diz-se que esta foi fundada a partir de um rancho de tropeiros, além de muitos de seus munícipes terem vivido desta atividade durante todo o século XX e, até os dias de hoje, ainda transportem alimentos, em alguns casos para consumo próprio, em outros para comercializá-los na cidade, no lombo de mulas.

Silveiras, além de ter sua história fundamentada na trajetória dos tropeiros, também é rememorada na obra de Monteiro Lobato como uma das “Cidades Mortas”⁴ do nordeste paulista, as quais são apresentadas como cidades improdutivas, onde seus moradores se renderam às marcas deixadas pela falência da economia cafeeira na região.

A fim de desvencilhar-se do discurso progressista de Lobato, a cidade buscou reviver e re-atualizar o seu cotidiano. A partir da iniciativa de um grupo de tropeiros, ex-tropeiros e outros munícipes da cidade, passou-se a realizar em todo o último domingo do mês de agosto um almoço tropeiro para reunir os amigos. Os próprios participantes arcavam com os custos do arroz, feijão, torresmo, entre outros ingredientes necessários, e montavam barracas para mostrar o artesanato local. Era uma reunião sem caráter comercial, cada um levava um ingrediente. Mas, ao longo dos anos, este almoço entre amigos passou a atrair um grande contingente de munícipes, visitantes de cidades vizinhas, e de almoço se transformou numa festa, onde as pessoas que participavam continuavam levando os alimentos para a preparação dos pratos, que passaram então a ser vendidos para as pessoas de fora e ter sua renda revertida para as obras da Santa Casa.

As festas e seus rituais são antigos atos coletivos e estão diretamente ligados à relação do homem com seu espaço e seu tempo,⁵ o que proporciona indícios sobre os elementos do cotidiano, sobre a história e a memória dos locais e sujeitos que as realizam, ou seja, transparecem as relações sociais envolvidas, as disputas nas esferas do público e do privado,

como as manifestações são utilizadas e apropriadas como instrumentos de poder, e como podem institucionalizar a história e a memória a partir da seleção dos fatos que devem ser celebrados, estes escolhidos por grupos que visam à hegemonia e ao controle.⁶ Desta forma, na festa dos tropeiros, notou-se que, além da culinária, outras experiências tropeiras poderiam ser revividas ao longo da festa: a missa do tropeiro, o desfile das mulas e a preparação do café tropeiro. Todo o ritual era celebrado por senhores que trabalharam como tropeiros ou o fazem até os dias de hoje. Em cada momento da celebração a exaltação de suas histórias, experiências, vivências e suas ressignificações fazia com que aqueles senhores se sentissem participantes da história da cidade através dos olhares e da admiração dos visitantes, familiares e habitantes do local. Para os fundadores da manifestação, esta era vista como uma maneira de transpor as vozes do grupo dominante; desse modo, este não teria espaço ou poder em qualquer ação da festa. De acordo com este movimento ocorrido e vivenciado na cidade, autores como Ginzburg nos convidam a repensar paradigmas acerca do termo cultura. Segundo este autor há uma relação de circularidade entre os dois grupos, na qual há confrontos e resistências. Sugere que esta não pode ser mais colocada apenas como uma relação em que a produção das classes dominantes, diante da passividade das classes subalternas, impõe seus padrões culturais. Desta forma, o autor nos coloca diante da seguinte reflexão:

A essa altura começa a discussão sobre a relação entre a cultura das classes subalternas e das classes dominantes. Até que ponto a primeira está subordinada à segunda? Em que medida, ao contrário, exprime conteúdos ao menos em parte alternativos? É possível falar em circularidade entre os dois níveis de cultura?⁷

Como não refletir sobre esta manifestação à luz da discussão proposta pelo autor? A festa e sua ritualização aparecem como forma de resistência, a fim de exaltar sua história e valorizá-la, não se rendendo, portanto, a uma história ou a uma comemoração instituída por um grupo dominante. Esta foi idealizada por um grupo um tanto diversificado, composto por tropeiros, ex-tropeiros e professores que visavam à arrecadação de verba para a construção da Santa Casa para amparar um amigo, tropeiro, que estava enfermo. Portanto, tentavam criar uma via alternativa às políticas públicas para assegurar os direitos e permanência de seu grupo. Nesse sentido, Rita de Cássia de Amaral nos remete a alguns usos e funções atribuídos a festas realizadas no país e algumas tendências e perspectivas que já vêm se sacramentando:

Nossa festa, além de ser uma linguagem capaz de expressar simultaneamente múltiplos planos simbólicos é, ainda, uma mediação capaz de tornar compreensível a vida num país em que as contradições de todos os tipos são realçadas diariamente. E, finalmente, a festa pode

ser entendida até mesmo como um modo de ação coletiva que pode responder à necessidade de superação das dificuldades dos grupos e das regiões onde se inserem, e, mais ainda, tem se revelado um grande e lucrativo negócio, razão para que as festas cresçam mais e mais.⁸

A autora menciona uma ação coletiva, ou seja, indica que as festas em nosso país surgem a partir do levante de determinados grupos que estão em busca da reconstrução ou reafirmação de sua cultura e espaço frente à sociedade. No entanto, este processo não deve ser confundido com a formação e imposição de uma memória coletiva, pois apresentam conotações e dimensões diferentes.

Em Silveiras, apreende-se que há o envolvimento da mídia num processo de tentativa de instituição e identificação de uma memória coletiva sobre o histórico da cidade e da festa. Parafraçando Jedlowsky,⁹ a mídia influencia na memória dos grupos, configurando-a; não é a memória que surge a partir das relações existentes em um grupo, mas através da veiculação de determinado episódio e, de acordo com o meio de comunicação responsável, pode ser de ordem global ou regional. Nota-se, portanto, a tentativa por parte da mídia em suplantiar as memórias advindas do feixe de relações sociais geradas a partir da experiência de cada munícipe, de sua vivência no espaço da cidade e no festejar e celebrar da festa. Forja-se a tal memória comum a fim de promover aquilo que deve ser lembrado, há uma reconstrução de memória em que a mídia seleciona os fatos que lhe convêm, de acordo com o período em que está inserida e com os interesses políticos e econômicos de grupos hegemônicos.

O Movimento tropeirista alargou nossas fronteiras, a comarca que perdemos em 1939, deverá voltar brevemente como vara distrital, chegaremos à Dutra, que outrora fomos isolados, dentro em pouco teremos acesso seguro.

O Movimento tropeirista iniciado no final de década de setenta, ainda tem parte de sua história por ser escrita. As feiras incipientes, no começo determinadas Silveirarte, posteriormente evoluíram para as festas no final de agosto. Desde 1981 o evento vem se repetindo e a cada ano com mais participantes a ponto da festa hoje ser regional.

Com a sua movimentação a comunidade pôde erguer com a ajuda de todos, inclusive do poder público, o prédio de Unidade Mista de Saúde, que está necessitando ampliação.

As festas destes dois últimos anos, a renda auferida foi encaminhada para a construção de casas populares para 52 famílias de baixa renda.¹⁰

Os promotores acenam para os visitantes com comida caipira e da roça, hábitos sadios e puros, vida simples impregnada de amor e alegria nas coisas simples da vida, sem a sofisticação dos grandes centros, sem poluições e sem vícios.¹¹

Contudo, nota-se que a imprensa local, em suas reportagens e entrevistas, como nos excertos acima, através da fala de um dos ex-prefeitos do município, transita entre a fala

dos fundadores da festa e utiliza-se também do discurso autorizado pela historiografia e imprensa regional. Tais narrativas, portanto, inserem a festa e o município num universo imaginário onde aparecem as influências e interferências de Monteiro Lobato, entre outros literatos nacionais e estrangeiros que reinventam e idealizam cenários, que muitas vezes não foram vivenciadas por seus moradores; contudo estes têm de conviver e escutar a constante reprodução de “verdades” sobre o seu meio ambiente. Tenta-se suplantar a imagem da festa como reafirmação de determinada cultura e esta como forma de resistência ao discurso regional em que as cidades que não acompanharam o desenvolvimento econômico estão fadadas a perecer ao longo dos anos. Portelli, em seu texto “O massacre de Civitella Val Di Chiana”, traz questionamentos e idéias sobre a elaboração e processos de memorização, disserta sobre como esta pode ser compartilhada, mas se firma e concretiza nas falas individuais. Portanto, diz: “Se toda memória fosse coletiva, bastaria uma testemunha para uma cultura inteira; sabemos que não é assim”.¹²

Além das narrativas publicadas no jornal impresso, buscou-se a forma como esta imagem que pretendia ser criada era veiculada através das reportagens televisivas, estas também repletas de frases nostálgicas. Alguns instrumentos utilizados para a criação deste cenário são a música sertaneja ou moda de viola, a reprodução de alguns dos roteiros realizados pelas tropas e o feitiço dos alimentos consumidos ao longo da viagem, sempre destacados com um tom melancólico.

Em Silveiras o tempo passa mais devagar.¹³

Em tempos de transportes mais rápidos ele insiste em manter a tradição porque sabe que esse talento não é pra qualquer um.¹⁴

Quanto ao posicionamento da mídia ante a cidade e a festa, observa-se a reelaboração produzida acerca das representações dos moradores analisadas a partir do que considera ser mais adequado. A mídia, portanto, a partir de suas relações, releituras, transmissão de imagens e falas constitui uma linguagem social que, de acordo com Williams, não deve ser pensada apenas como tecnologia, pois esta visão nos limita a uma percepção mais abrangente sobre o seu papel social e político. O autor reflete sobre os meios de comunicação partindo da complexidade que se dá nas “relações sociais e culturais que se modificam e se ampliam profundamente”.¹⁵

A partir desta leitura acerca da construção e reelaboração da mídia sobre a cidade e a festa, ocorreu a busca da documentação oral como a principal fonte da pesquisa a fim de transpor um discurso no qual a população não se vê inserida. Esta escolha se deu a partir do conhecimento da história e trajetória da cidade e de seus munícipes, que aparecem em todas as fontes orais ou escritas como uma cidade esquecida no tempo; parafraseando

Ferraz: “Revi lugares comuns e a tristeza do lugar. Chocou-me a musicalidade ausente, as ruas desertas, raras crianças, nenhum jovem, as portas fechadas”.¹⁶ A obra de Ocílio Ferraz, depoente e memorialista pesquisado e entrevistado neste estudo, representa, mais uma vez, a linha tênue que perpassa entre a memória comum e a memória individual, pois em seus escritos predomina a fala oficial e, em sua entrevista, a individual, onde emerge uma leitura esperançosa e de valorização da cidade onde vive. De acordo com Pollak, “A despeito da importante doutrinação ideológica, essas lembranças durante tanto tempo confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não através de publicações, permanecem vivas”.¹⁷ Diante das constatações feitas a partir da obra e do depoimento de “seu” Ocílio, a exposição de Pollak em torno das discussões sobre as memórias concorrentes, portanto, em disputa, nos remete à relevância da busca por estas *memórias subterrâneas* que, segundo o autor, emergem em momentos de crise. As memórias relatadas pelos silveirenses fizeram com que a rede de relações e acontecimentos notados na cidade e no período da festa tivessem sentido, pois elucidaram diversas questões sobre as posturas de algumas pessoas em relação à prefeitura atual e o processo de apropriação da festa, que vem ocorrendo desde o início da gestão atual.

A partir do depoimento de “seu” Josias, depreende-se tal postura do governo diante da festa, que é vista e situada por seus moradores como a celebração mais importante da cidade; por isso, o poder público vislumbra nela mais um caminho para angariar votos e se firmar no poder. Todavia, o que se esquece é que tal postura já vem incomodando alguns moradores e fundadores, pois estes estão sendo excluídos do ritual criado e vivenciado por eles. Em sinal de protesto, “seu” Josias e “seu” Joaquim Governo não participaram da festa do tropeiro de 2003; acreditam que com esta ação possam sensibilizar outros companheiros e fazer com que a festa volte às mãos de seus idealizadores. Segundo o depoimento a seguir, dado por “seu” Josias, esta não foi a primeira intervenção do poder público na realização da festa, pois em gestões anteriores tentou-se extingui-la em razão de rivalidades políticas e por ela representar a ruptura com a ordem vigente.

Desde a primeira, é eu e o Governo¹⁸ que mora nessa casa aqui, né. Foi nós dois que começamos, eu olho tem foto de tudo quanto é meio que a gente tirou, tem muitas vezes que eu olho e ainda me dá muitas saudades de olhar aquelas foto daquele tempo que deve tá com uns 22 ou 23, sei lá, é uma coisa assim porque quando nós criamos a Festa Tropeira essa Silveira aqui não tinha nada de festa (...). Expliquei porque não tinha nada, começou a Festa foi o que, foi eu, Nenê Emboava apresentou junto ele o João Miqueca, aí passou um gaúcho e que andou e no Brasil inteiro com uma carroça achou assim e disse, ah, vou fazer o rali da carroça, aí montava o fogão, fazia a comida dele, montava na carroça dele e seguia. Aí o Nenê Emboava disse, vamos fazer o rali de tropeiro, o do gaúcho disse que é da carroça, o nosso é do tropeiro, pagou a carroça também e levou, pode perguntar pro governo, levou 1

kg de feijão cozido, 1 kg de arroz, 1 kg de toucinho, 1 litro de pinga, fez aquela comidinha lá, juntou aquele povão todo querendo comer, cada um pegou uma colherzinha mesmo, porque era brincadeira mesmo. Aí entrou o Ocilio Ferraz e um tal de Hernanes Forino, que era compositor de música e também tava morando aqui, até que ele comprou uma chácara no sapé, mas depois num dia de sorte por ele queria ficar pra cá, mais queria que os filhos ficassem em São Paulo também, ele não queria assim não que, então ele trabalhava em São Paulo e pra Silveira. Ah! Assim não dá, quer dizer que aí cobrava, aí ele pegou e vendeu a chácara e foi embora também. Aí, tá vendo, bom é mais sê tropeiro e não tem tropa aqui, e eu com o Governo saindo até hoje tem um quadro de nós de serragem que é dessa, você já viu ele? Fizemos o desfile na prefeitura ali e ficou e foi aumentando daí já entrou artesanato no meio tudo com o mercado de tropero, foi aumentando o movimento hoje é um ditado que eu digo e nem sei quantos sacos de mercadoria o povo cozinha ali, porque lá no rancho o povo cozinha um tanto, os hotéis tudo cozinha, aquela rivalidade, mais só que eu digo, eu pelo menos não ganhei, nada, só ganhei amizade com todo mundo, mas também, porém de fome não morri também, criei quatro filho, tô indo, tô aqui vivo. Agora é o ditado que o Governo fala, o nosso privilégio de tropero não acabou, agora tal de fama não vai ter orgulho, porque olha só a Santa Casa tudo desviado com isso aí, a Santa Casa se um dia forem acertarem lá por que o João Mendes era o Prefeito eles passaram a implicar com nós, que disse que ia prender nós lá na Festa porque o cara, Tomé Careca, era inimigo de Nenê Emboava. Bom mais só que eles falaram errado porque quando eles pensou em falar isso mais, mais já tinha uma cobertura boa., mais tava sujando a cidade, a cidade de bosta de burro demais.”¹⁹

Para “seu” Josias, conforme o citado acima, a festa e a cidade não se apresentam da forma romantizada, como expressa pela mídia; ao contrário, aparecem em toda sua complexidade, repleta de tensões entre os diferentes sujeitos que participam deste espaço e nele estão envolvidos. Rememora, portanto, o período em que a festa quase foi proibida por um prefeito, que a via apenas como uma expressão de desordem e desrespeito, uma vez que ele tinha diferenças com um dos tropeiros que ajudou a fundar a comemoração, Nenê Emboava. Além de trazer à tona a má administração da Santa Casa pela gestão que se mostrava contrária à festa, a mesma teve como um de seus principais objetivos, além de exaltar sua cultura, construí-la, pois o governo local e regional não atentavam para esta questão, enquanto seus municípios tinham de se deslocar para hospitais e postos de atendimento de municípios vizinhos.

Desta forma, vislumbrou-se a história oral como uma maneira de trazer à tona estes relatos ouvidos e rememorados por poucos e que, como tantos outros, foram relegados ao esquecimento pela história oficial. Segundo Etienne François,²⁰ a história oral nos proporciona a ruptura com a história acadêmica institucional, fuga das análises quantitativas, a busca pela história do cotidiano, da vida privada, de grupos populares, as vozes silenciadas pela história hegemônica. A partir de tais práticas percebe-se o caminhar para uma micro-história, sensível e atenta às subjetividades que primam por uma reno-

vação da história. Na fala de Seu Maciel, utilizada na epígrafe deste trabalho, e de Seu Josias, ambos fundadores da festa, podemos constatar os resquícios e ressentimentos dessa micro-história.

A festa do tropeiro, da cidade de Silveiras, pode ser contemplada, dessa forma, como uma representação repleta de signos lingüísticos, religião e tradição, carregada das subjetividades de seus sujeitos. Sendo assim, ainda há que se atentar para o tipo de leitura que é feita sobre os meios de apreensão do social, pois estes não são estáveis e engessados, mas sim efêmeros e dinâmicos, as incorporações de determinadas histórias, memórias, costumes e tradições são seletivas e permeadas pelas subjetividades. A própria manifestação em foco já vem sendo realizada há vinte e dois anos. Portanto, há uma premência em se buscar as evidências, fragmentos e rupturas presentes durante o período escolhido, ou seja, desde o início da realização da festa, em 1981, até o ano de 2003.

Recebido em maio/2003; aprovado em dezembro/2003

Notas

⁶ Discussão realizada a partir das problemáticas inseridas na pesquisa *A festa e o movimento tropeirista em Silveiras: memórias, histórias e experiências (1981-2003)*.

^{6a} Mestre em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

¹ Antonio Maciel, silveirense, 67 anos. Professor de literatura aposentado, atualmente toca teclado na Igreja e é integrante do coral, sendo responsável pela música tocada na missa do tropeiro, que é realizada durante a festa. Também é produtor de licor.

² O nome Rodovia dos Tropeiros foi instituído pelo decreto governamental nº 20.184 de 15 de dezembro de 1982, substituindo a SP-66, em resposta a uma série de exigências feitas pelas cidades situadas na rodovia. Ver FERRAZ, O. *Voltando às origens*. Silveiras, Fundação Nacional em Defesa do Tropeirismo, 1984.

³ O monumento colocado no portal da cidade é em homenagem Josias Mendes Florêncio, mineiro, 73 anos. Morador desde a década de 1950 em Silveiras, conhecido como Seu Josias. Tropeiro, tem algumas mulas até hoje e desfila com elas durante a Festa do Tropeiro; quando se fala em tropeirismo para algum munícipe, este prontamente já cita o nome do Seu Josias. É aposentado e hoje seu principal meio de subsistência são os balaio e a venda de pinhão.

⁴ Em sua obra *Cidades mortas*, Monteiro Lobato relata a decadência das cidades do nordeste paulista, que passaram por um período de pujança econômica durante o ciclo do café e, após o esgotamento de seu solo e a crise da escravidão no país, foram praticamente abandonadas pela maioria de sua população. Ver: LOBATO, M. *Cidades Mortas*. São Paulo, Brasiliense, 1989.

⁵ ITANI, A. *Festas e calendários*. São Paulo, Unesp, 2003, p. 11.

⁶ MONTEIRO, R. B. *Entre festas e motins: afirmação do poder régio bragantino na América Portuguesa (1690-1763)*. In: JANCÓS, I. e KANTOR, I. (orgs.). *Festa, cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo, Hucitec/Edusp/Imprensa oficial, 2001, pp. 127-147.

⁷ GINZBURG, C. *O queijo e os vermes – o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. 3 ed. São Paulo, Cia das Letras, 1987, p. 17.

⁸ AMARAL, R. de C. de M. P. *Festa à Brasileira – Significados do festejar no país que “não é sério”*. Tese de doutorado. São Paulo, Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1998, p. 11.

⁹ Palestra proferida por Paolo Jedlowsky, em 11/9/2003, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

¹⁰ Dr. José Cardoso, como é chamado no texto, era prefeito municipal de Silveiras e amigo e colaborador dos fundadores da Festa dos Tropeiros. Estes sempre se referem a ele com saudades, pois diz-se que foi um dos maiores incentivadores da realização da festa. Ver CARDOSO, J. Silveiras, 150 anos. *Jornal do Momento*, Silveiras, Edição Especial 150 anos, 28/2/1992, pp.1-2.

¹¹ Silveiras promoverá dias 11 e 12 mais uma Silveirarte. *Correio Valeparaibano*, São José dos Campos, ano, Primeiro Caderno, 2/8/1979, p. 5.

¹² PORTELLI, A. “O Massacre de Civitella Val Di Chiana”. In: AMADO, J. e FERREIRA, M. M. de. 4 ed. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2001, p. 127.

¹³ Voto Tropeiro. Produção de Aparecida. São José dos Campos, TV Vanguarda, exibido em 28/9/1996, reportagem (6 minutos).

¹⁴ Tropeiros / Silveiras. Produção de Alex. São José dos Campos, TV Vanguarda, exibido em 22/8/1998, reportagem (4 minutos e 19 segundos).

¹⁵ WILLIAMS, R. *Marxismo e literatura*. São Paulo, Zahar, 1995, p. 59.

¹⁶ Océlio Ferraz, silveirense. Um dos responsáveis pelo início do movimento de recuperação da tradição tropeira na cidade iniciado no final da década de 1970, quando retornou para sua cidade natal após um longo período ausente. Voltou para a cidade para administrar terras deixadas por seu pai e diz ter encontrado uma Silveiras estagnada econômica e culturalmente. Atualmente, além de presidente da Fundação, também é proprietário do Casarão do Tropeiro, sede da Fundação e pousada. Ver: FERRAZ, O. *Voltando às origens*. Silveiras, Fundação Nacional do Tropeirismo, 1984, p. 14.

¹⁷ POLLAK, M. Memória, silêncio e esquecimento. *Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, Rio de Janeiro, 1989, p. 5.

¹⁸ Seu Joaquim Governo é um dos fundadores da festa dos tropeiros e vizinho de Seu Josias, o depoente. Os dois trabalharam durante muitos anos como tropeiros e até hoje transportam mercadorias no lombo de burros; o pinhão, por exemplo, é colhido na casa de Seu Josias e transportado para os bairros da cidade para ser comercializado.

¹⁹ Seu Josias, 73 anos, viúvo. É um dos fundadores da festa e o responsável pelo preparo do café tropeiro após a celebração da missa do tropeiro, que acontece no domingo da festa. O preparo do café tropeiro é um dos pontos altos da manifestação, pois pode-se observar e experimentar um dos alimentos consumidos ao longo das viagens realizadas pelas tropas. Este desperta o interesse dos visitantes, pois não é coado. Adiciona-se o pó em água fervente e, em seguida, brasas são colocadas e retiradas para encorpar a bebida.

²⁰ Sobre essa discussão, ver FRANÇOIS, E. “A fecundidade da história oral”. In: AMADO, J. e FERREIRA, M. de M. *Usos e abusos de história oral*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 16.